

# Sexualidade e Relação de Gênero



Denise Pereira  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Sexualidade e Relações de Gênero

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 1)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-047-6

DOI 10.22533/at.ed.476191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.  
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO:

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>9</b>
JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA	
Maria Irene Delbone Haddad	
Rogério Delbone Haddad	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM EXPRESSA SUA SEXUALIDADE? ASSIMETRIAS JURÍDICAS ACERCA DAS MANIFESTAÇÕES DO SEXO NOS ÂMBITOS LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO BRASILEIROS	
Fábio Periandro de Almeida Hirsch	
José Euclimar Xavier de Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
PROTEÇÃO PARA QUEM? LEI MARIA DA PENHA E AS MULHERES TRANS	
Saskya Miranda Lopes	
Bianca Muniz Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
SEXUALIDADE DESVIANTE DE MARIA: UM CASO DE PERVERSÃO FEMININA	
Joice Cordeiro Dos Santos	
Giseli Monteiro Gagliotto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER: ATENDIMENTO NAS UNIDADES DE SAÚDE DO ESTADO DE RORAIMA	
Denison Lopes da silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES POR MEIO DA EDUCAÇÃO: GARANTIA DE DIREITOS E AS COTAS NA UNIVERSIDADE	
Grazielly dos Santos Germano	
Kênia Gonçalves Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
AS AÇÕES DE REQUALIFICAÇÃO CIVIL DE PESSOAS TRANSEXUAIS E O PAPEL DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (DPRJ)	
Mably Trindade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4761916017</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 86**

ATIVISMO E MARCOS LEGAL DA POPULAÇÃO LGBTQBTI: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alberto Magalhães Pires  
Carla Andreia Alves de Andrade  
Charles Jefferson Cavalcanti da Silva  
Esmeraldo Rodrigues de Lima Neto  
Taiwana Batista Buarque Lira  
Silvania Lucia da Silva Carrilho

**DOI 10.22533/at.ed.4761916018**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A LEGALIDADE E LEGITIMIDADE DA APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA NOS CASOS EM QUE FIGURE COMO VÍTIMA TRANSEXUAIS QUE MODIFICARAM SEU GÊNERO NO REGISTRO CIVIL SEM A REALIZAÇÃO DA NEOCOLPOVULVOPLASTIA

Alisson Carvalho Ferreira Lima  
Naiana Zaiden Rezende Souza

**DOI 10.22533/at.ed.4761916019**

**CAPÍTULO 10 ..... 106**

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Thaís Vieira Gaudard Curcio  
Nivia Valença Barros  
Joice da Silva Brum

**DOI 10.22533/at.ed.47619160110**

**CAPÍTULO 11 ..... 119**

DIREITOS LGBT EM PALCO DE DISPUTAS

Thaís Vieira Gaudard Curcio  
Nívia Valença Barros

**DOI 10.22533/at.ed.47619160111**

**CAPÍTULO 12 ..... 130**

EMBATE DE MINORIAS: A IDENTIDADE DE GÊNERO NO SISTEMA PRISIONAL

Leandro Leite  
Verônica Gesser  
Bruna Roberta Wessner Longen  
Everaldo de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.47619160112**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

FEMINISMOS, DEFICIÊNCIAS E DIREITOS DAS MULHERES SURDAS

Keli Krause  
Laura Cecilia López

**DOI 10.22533/at.ed.47619160113**

**CAPÍTULO 14 ..... 150**

NORMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NOS DISCURSOS MÉDICOS EUROPEUS A PARTIR DO SÉCULO XVIII: A PROSTITUTA, UMA “ESPÉCIE SEXUAL”

Daniela Nunes do Nascimento

**DOI 10.22533/at.ed.47619160114**

**CAPÍTULO 15 ..... 162**

PODEMOS CONTAR? A POTÊNCIA DA NARRATIVA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA E DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Luanna Calasans de Souza Santana  
Márcia Santana Tavares

**DOI 10.22533/at.ed.47619160115**

**CAPÍTULO 16 ..... 169**

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Joice da Silva Brum  
Nivia Valença Barros  
Thaís Vieira Gaudard Curcio

**DOI 10.22533/at.ed.47619160116**

**CAPÍTULO 17 ..... 175**

A VIOLÊNCIA SOBRE OS CORPOS INFANTO-JUVENIS NA BAHIA, FEIRA DE SANTANA E SALVADOR, 1940-1960

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa

**DOI 10.22533/at.ed.47619160117**

**CAPÍTULO 18 ..... 1822**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PENSANDO NO AGRESSOR

Gabriela Alano Pamplona  
Perla Alves Martins Lima  
Adan Renê Pereira da Silva  
Sharlenny Santos Alencar

**DOI 10.22533/at.ed.47619160118**

**CAPÍTULO 19 ..... 198**

PERCEPÇÕES DE MULHERES DA MESMA FAMÍLIA E DE DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Michelle Araújo Moreira  
Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.47619160119**

**CAPÍTULO 20 ..... 212**

SEXO ABRIGADO: CUIDADOS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Milena Vaz Sampaio Santos  
Jeane Freitas de Oliveira  
Carle Porcino  
Dejeane de Oliveira Silva  
Lorena Cardoso Mangabeira Campos

**DOI 10.22533/at.ed.47619160120**

**CAPÍTULO 21 ..... 220**

REFLEXÕES ACERCA DA FALÁCIA DO BINARISMO ENTRE MASCULINO E FEMININO EM O MUNDO SE DESPEDAÇA

Ilauanna Teles Silva  
José Carlos Felix

**DOI 10.22533/at.ed.47619160121**



## JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA

**Maria Irene Delbone Haddad**

Universidade Federal de Rondônia

**Rogério Delbone Haddad**

Universidade Tiradentes e Instituto Federal de Educação de Rondônia

**RESUMO:** Neste artigo, pretendem-se demonstrar a construção teórica formulada por Judith Butler acerca da constituição de gênero, a fim de compreender as desigualdades de gêneros na contemporaneidade e as dificuldades das mulheres contestarem a subalternidade feminina, corroborando com a afirmação de identidades. A abordagem será à luz do pensamento filosófico Judith Butler, que traz a biologia para o campo do social, motivo pelo qual se tornou um dos principais nomes da atualidade nos estudos de gênero. Os resultados dessas reflexões tendem a quebrar a ditadura da heteronormatividade, que tem gerado problemas para o avanço nas ações de combate aos preconceitos.

**PALAVRAS CHAVES:** Gênero, Butler, identidade, heteronormatividade.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to demonstrate the theoretical construction formulated by Judith Butler about the constitution of gender, in order to understand

the gender inequalities in the contemporary world and the difficulties of women to contest the female subalternity, corroborating with the affirmation of identities. The approach will be in the light of philosophical thinking Judith Butler, who brings biology to the social field, which is why she has become one of the leading names in genre studies today. The results of these reflections tend to break the dictatorship of heteronormativity, which has generated problems for the advance in the actions to combat the prejudices.

**KEYWORDS:** Gender, Butler, identity, heteronormativity.

### 1 | INTRODUÇÃO

“[...] se poderia dizer que todo meu trabalho gira ao redor desta questão: o que é o que conta como uma vida? E de que maneira certas normas de gênero restritivas decidem por nós? Que tipo de vida merece ser protegida e que tipo de vida não?” (Judith Butler, in Birulés, 2008).

Este trabalho abordará o pensamento da filósofa Judith Butler, acerca dos atos performativos e a constituição de gênero. Pretende-se situar estas abordagens como expressão da luta feminista e da liberdade de escolha dos gêneros. Como instrumentos de

coleta de dados, foram utilizadas as pesquisas bibliográficas de Judith Butler, dando ênfase para o artigo “Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”. Objetivando combater a discriminação e a violência física e psicológica de gênero contra mulheres e pessoas que possuem outra ética sexual que não seja as culturalmente definidas pela ideologia dominante. Tema que vem provocando grandes debates na contemporaneidade.

Os estudos de gêneros provocam na contemporaneidade discussões sobre desigualdade na relação de poder, marcada historicamente por um patriarcalismo que instaura grupos divergentes conservadores que não aceitam que sejam discutidos nas escolas sobre a identidade de gêneros, questionando a retirada das políticas nacionais em sua inserção. Esta mesma sociedade que se opõe a identidade de gênero deixa penetrar no seu lar diariamente através das mídias, o fato do homossexualismo como algo natural.

Percorrem-se conceitos discutidos por Butler, referente a constituição de gênero e corpo, enfatizando o diálogo dela com as ideias de Merleau-Ponty e Beauvoir.

Judith Butler é filósofa pós-estruturalista, estadunidense, professora de Literatura Comparada a Retórica na Universidade da Califórnia. Conhecida como teórica do poder, sexualidade, gênero e da identidade, e uma das criadoras da Teoria Queer, vertente de estudos em que continuam a atuar e publicar, Butler tem aversão a estereótipos que rotulam a identidade de gênero.

## 2 | CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO

No trabalho de Judith Butler, “Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista”, a autora descreve que “a identidade de gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e tabu”. Assim gênero é constituído por uma série de “atos” repetitivos ao longo do tempo, pois quando eu digo, eu estou fazendo alguma coisa também, essa construção de gênero e sexualidade se dá pela repetição desses discursos, assim cria o gênero e não algo que um sujeito criou individualmente para si mesmo. Portanto, a identidade de gênero é instituída através da repetição estilizada de atos performativos, e gênero é formado por esta estilização do corpo, ou seja, você teatraliza, através de gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação. E, concordando com Beauvoir, reforça que o gênero é construído, não por um “eu” ou por um “nós” necessariamente. A estrutura binária dos gêneros está moldada numa relação de poder, que nem é percebido, neste ponto ela busca Foucault, onde o sujeito é moldado nas relações de poder, a serviço dos interesses reprodutivos.

Butler revisita Simone de Beauvoir, quando ela afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, no livro “O Segundo Sexo”, lançado em 1949. Neste sentido Butler

considera que o “gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo”, portanto cada pessoa nasce com seu sexo biológico, que a define como um ser do sexo masculino ou feminino, o papel do homem e da mulher é constituído culturalmente, e muda conforme a sociedade e o tempo, portanto é histórico. Butler considera que os gêneros masculino e feminino, são uma estrutura binária de gênero dominada de maneira sutil, que não se percebe tal poder, criando assim uma matriz heterossexual, taxando o sujeito de acordo com sua genitália. E este papel começa a ser construído, desde que o bebê está na barriga da mãe, que através de exames descobre o sexo e a família, de acordo com as expectativas começa a preparar o enxoval, conforme o sexo. A frase de Beauvoir, mostra que enquanto o sexo no conceito biológico diz respeito a um atributo anatômico, no conceito de gênero refere-se ao masculino e o feminino como uma “construção social”.

Por esse entendimento, a cultura impõe práticas entendidas como femininas ou masculina, que se chama “performatividade” (BUTLER, 1990, p. 8), excluindo quem não se enquadra nestes comportamentos impostos, para essa princípio Butler denomina “heteronormatividade”. Dessa maneira a identidade não descreve a realidade, é imposta.

Butler expõe que as identidades de gêneros atualmente apresentadas são excludentes, portanto a necessidade de desconstruí-las, para acolher todas da maneira como cada um deseja ser.

Desse modo, dizer que o gênero é performativo significa que gênero não é algo que nós somos, mas que continuamente fazemos, através da repetição das normas de gênero, que se cristalizam, imposto por práticas regulatórias. Butler descreve: “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 1990, p. 200)

Quando Butler relata que “Merleau-Ponty defende não só que o corpo é apenas uma ideia histórica, mas também, um conjunto de possibilidades a serem continuamente realizadas. Ao afirmar que o corpo é uma ideia histórica.” (BUTLER, 2011, p. 72), descreve que esse mesmo “corpo não é uma materialidade idêntica a si própria ou meramente fáctida: é uma materialidade que no mínimo, traduz significado” (BUTLER, 2011, p. 72), portanto corpo é uma materialização de possibilidades.

Revisitando as ideias de Merleau-Ponty e Beauvoir, Butler concorda que o corpo é uma situação histórica, e que não é uma materialidade idêntica a si própria, pois traduz significado.

“...o corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazemo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores” (BUTLER, 2011, p. 72).

Em seu mais conhecido livro “Problemas de Gênero”, Butler argumenta que o feminismo errou ao colocar a “mulher” como sendo capaz de produzir unidade para um grupo, que possui interesses em comum, visto que não existe uma mulher universal, que na prática acabam reforçando uma visão binária de gênero, onde há uma divisão clara entre homens e mulheres, impedindo o feminismo a escolha de sua própria identidade individual e suas possibilidades de opções.

Butler descreve que as feministas rejeitaram a opinião que a biologia é destino, ideia oriunda de Beauvoir. Argumenta que a cultura impõe os gêneros feminino e masculino, através de corpos “masculinos” e “femininos”. Portanto, não existe escolha, quando o gênero é construído de forma natural (biológico) ou cultural, ele assim sendo é imposto.

Nas relações entre um papel teatral e um papel social, Butler demonstra através do pensamento Bruce Wilshire, as distinções entre as performances teatrais que são censuradas e vistas de forma sarcástica, versus as performances de gênero que são punitivas, a este respeito diz “de facto, ver um travesti num palco pode provocar prazer e aplausos, enquanto ver o mesmo travesti sentado ao nosso lado num autocarro pode levar ao medo, a raiva, ou mesmo a violência” (BUTLER, 2011, p. 81).

Para Butler o gênero deveria ser visto como uma variável fluída que se desloca e se transforma em diferentes contextos e períodos históricos, sendo que o gênero e o desejo são flexíveis, e que o confinamento em qualquer identidade pode potencialmente ser reinventado pelo sujeito. Assim Butler define gênero:

“O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história asoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder é posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de *performances* subversivas de vários tipos” (BUTLER, 2011, p. 87).

### 3 | TEORIA QUEER

Primeiramente para entender a teoria queer, precisamos entender a o significado da origem da palavra queer, que traduzido do inglês, pode ser entendido algo estranho e esquisito, utilizado para ofender pessoas. Queer tem uma origem multifacetada e global, que passou a ser utilizada positivamente em um movimento ocorrido na década de 80 nos Estados Unidos, que lutavam em busca de identidade e liberdade sexual para lésbicas e gays. Uma data marcante é 1973, quando a homossexualidade deixa de ser considerados patologia pela Sociedade Americana de Psiquiatria, além disso deixa de ser considera como crime na sociedade norte americana. Entre 1968 e 1981, teremos um período de despatologização da homossexualidade, porém sua repatologização se da a partir de 1981 com a epidemia da HIV/aids, gerando um momento de pânico de transmissão sexual. Neste mesmo período o campo político foi marcado por governos autoritários, conservadores e neoliberais. Dentro deste contexto, a epidemia de HIV/

aids, teve como ponto positivo, o incentivo aos estudos sobre a homossexualidade e o pensamento que posteriormente seria chamado de queer, que questionava os saberes existentes, a partir da diversidade de sexo, gênero e sexualidade, que fomentava um tipo de preconceito e pânico social. Para caracterizar esse regime de discursividade a teoria queer, vai criar o conceito de heterossexualidade compulsória, para referir à exigência que todas as pessoas deveriam ser heterossexuais, passando por um discurso social, encontrado na política, na família e na educação, considerando que todas as pessoas que não são heterossexuais são doentes ou devem ser explicadas.

Já a heteronormatividade, diz respeito ao comportamento e a forma de organizar a vida das pessoas segundo o modelo heterossexual, mantendo uma linearidade entre o sexo e gênero, assim uma pessoa se define de acordo com o seu sexo biológico. Isso que os queer buscam atacar, dizendo que não existe essa linearidade entre sexo e gênero, isso se dá através de uma construção da maneira que a pessoa quiser, e uma das defensoras dessa teoria é Judith Butler. A partir do momento em que a heterossexualidade compulsória vem perdendo espaço em alguns países, a teoria queer vem ganhando espaço. Em 1991, Tereza de Lauretis durante um evento na Universidade da Califórnia, batizou essa vertente como Teoria Queer.

A teoria queer é um campo de pesquisa que problematiza todas áreas do saber, partindo de experiências de sexualidade de gênero dissidente, como as homossexuais, transexuais, bissexuais entre outras. Baseando-se numa linguagem dos atos de fala, ou seja, quando digo algo, significa que eu estou fazendo, e numa linguagem de performance, onde a construção se dá por uma repetição da discursividade, nesse sentido os teóricos queer atacam a discursividade heterossexual.

A primeira área que a teoria queer atua é na prática de “si”, criando novas práticas de vida que não são determinadas pelo sexo. Assim Butler, cria o conceito de performatividade para gênero, sexo e sexualidade, onde ocorre porque são atos que as pessoas repetem todos os dias que dão uma aparência de uma natureza heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, etc. Para Butler (2003, p.154-156):

[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os discursos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Os discursos podem se tornar determinantes nas identificações sexuais, pois desde o nascimento a criança é levada a uma performance que a define de acordo com o seu sexo biológico.

A segunda área que a teoria queer atua é o regime de discurso, influenciado pelas Escola dos Annales, antes toda a produção historiográfica era realizada através de documentos oficiais, após a Escola dos Annales qualquer coisa será fonte de estudo, priorizando as minorias e classes subalternas.

A terceira área são as instituições, na sua forma estrutural, que disciplina a

sociedade, como podemos observar a arquitetura dos banheiros, comunica-se alguma coisa, e observar como reforçam um discurso de uma sociedade disciplinar e se houver uma alteração poderá formar sujeitos mais dóceis e não resistente a essa discursividade.

A teoria queer é muito influenciada pelos pós-estruturalistas francêss, que é a filosofia do século XX, onde Foucault e Derrida trabalham na desconstrução da hegemonia heterossexual, representada por um estrutura familiar patriarcal, buscando dar vez e vozes as classes reprimidas. Nesta visão pós-estruturalista, temos uma concepção que não existe estrutura humana, pois o sujeito é criado pelas instituições, pela política e pela cultura do meio em que vive, o que há é um historicismo radical, e tudo que é característico do ser humano foi construído historicamente.

De Foucault, os queer incorporaram a analítica do poder, daí em suas obras o poder não ser algo que se possui ou se delimita, mas que se exerce ou ao qual se é submetido em uma situação permanentemente dinâmica em termos históricos e culturais. Neste sentido, a mistura de Derrida e Foucault visa mapear o potencial de resistência interno a certos regimes de poder. (MISKOLCI, 2011, p 53)

Para atacar as práticas de si, criam-se dois conceitos fundamentais que é a plasticidade e a performatividade. Eu construo quem eu sou, transformo meu corpo por meio de cirurgia, roupas, maquiagem e maneiras de se comportar.

O questionamento queer, baseia-se em uma negação da naturalização do gênero da pessoa e a sua sexualidade, ficando a história para seu caráter construtivo da subjetividade.

Os conceitos de cultura trabalhos no pensamento queer, não tem sua origem na antropologia, mas nos estudos culturais, derivando de um marxismo crítico de Gramsci, onde a desconstrução ganha uma força dentro do pensamento queer, na medida que não busca explicar as pessoas como elas são, mas desconstruir a cultura, com o propósito de descobrir o motivo pelos quais as pessoas se tornaram o que realmente são, propondo uma investigação em torno da homossexualidade, sob uma nova ótica.

Dessa forma, os estudos queer se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e os interesses a eles associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomariam, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, na perspectiva queer, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. Queer desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles. (MISKOLCI ; SIMÕES, 2007, p.10-11)

A teoria queer deseja a transformação social, numa perspectiva crítica para mudar a sociedade, não se limitando a uma assimilação para enquadrar dentro da sociedade para ser aceito por ela, ou seja, os queer não aceitam a sociedade como ela se apresenta, dentro desses parâmetros conservadores.

## 4 | CONCLUSÃO

As discussões temáticas acerca da constituição de gênero, sob a luz das ideias de Judith Butler, demonstram os desafios que a constituição de gêneros tem para enfrentar, numa sociedade predominantemente alicerçada na identidade heterossexual, e quem não segue essas regras são estereotipadas e agredidas psicologicamente e fisicamente. Há uma urgência de conscientização de repensar estas estruturas, com intuito desconstruir para algum dia alcançarmos uma sociedade que respeite, as nossas diferenças e as nossas igualdades.

Diante dessas constatações, é visível a necessidade de trazer discussões, que contribuem para a quebra de paradigmas que cristalizaram em nossa sociedade, impostas por uma ordem biológica ou cultural. Um olhar questionador para desconstruir um olhar construído pela política, cultura e sociedade predominantemente patriarcalista.

Compreender a constituição de gênero, dentro da visão bluteriana, é não comungar com grupos conservadores que no seu discurso reproduzem o caminho para o preconceito. Esses novos significados para a constituição de gênero, só serão absorvidos se houver mudanças de comportamento e atitude, construídos por meio de novas performances, que não sejam repeti-las e nem segui-las, onde todos os padrões sejam suprimidos, dando vez e vozes às necessidades íntimas e particulares.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires, Paidós, 2008.

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. São Paulo, Graal, 2005.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n. 21, p. 150-182, 2009.

\_\_\_\_\_. **Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer**. In: SOUZA, Luís Antonio Francisco et al. *Michel Foucault : sexualidade, corpo e direito*. Marília. : Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 47-68, 2011.

REIS, Daniele Fernandes. **Butler: Política, Performatividade E Desconstrução de Gênero**. Dissertação Mestrado em Filosofia. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2014.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-047-6

